

Inflação de alimentos

Do Copom ao campo

Antonio Carlos Costa¹
 Fernando S. Macêdo²
 Anderson Santos²

O ANO de 2010 encerrou com uma inflação, medida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), de 5,91%, distante do centro da meta estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional, de 4,5%, para o período. Mesmo dentro do limite superior, de 6,5%, a característica da inflação, predominantemente de alimentos e, particularmente, de carne bovina, suscita incertezas para 2011 quanto à estratégia do Banco Central na condução da política monetária.

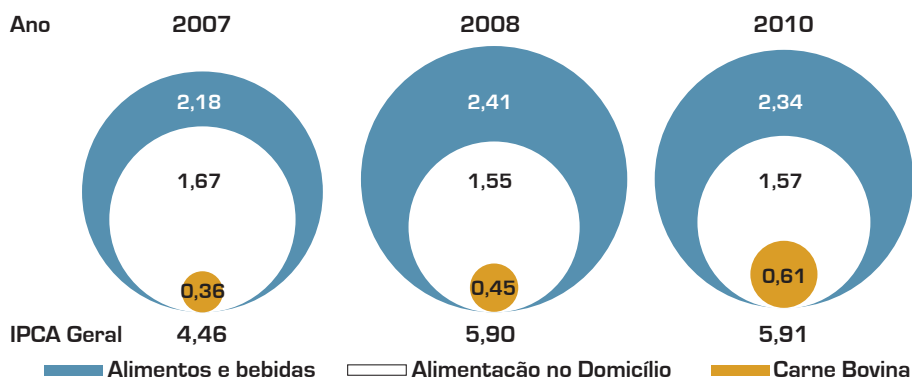
Neste cenário, o primeiro encontro do Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central, em janeiro, foi cercado de expectativas: às voltas com as já conhecidas especulações sobre a autonomia do órgão na equação meta de inflação vs. taxa Selic, tão comuns em um novo governo, decidiu-se pelo aumento da taxa básica de juros, em 0,5%, elevando-a para 11,25% a.a.

A medida, ao mesmo tempo em que oferece fortes indícios da independência do órgão, dada a sua impopularidade em um início de gestão, levanta outra dúvida: será eficaz, uma vez que não atingirá diretamente no curto prazo o setor de alimentos, grande responsável pela inflação do ano?

Nesse sentido, teme-se que em 2011 o governo “pese a mão” no ajuste direcionado aos demais setores, mais sensíveis à elevação da taxa básica de juros, levando a um esfriamento da economia como um todo que, aí sim, impacte o setor de alimentos.

Olhando para o ano que passou, observa-se que, dos vários grupos de produtos que compõem o índice, despesas pessoais, habitação e saúde puxaram a inflação em 2010, mas foi o grupo “alimentos e bebi-

IPCA – Contribuição de Alimentos e Bebidas, Alimentação no Domicílio e Carne Bovina para a formação do Índice Geral, por período (em %)



das” aquele que apresentou a maior variação anual entre todos os demais, de 10,4%, registrando, assim, a maior contribuição para a formação do IPCA, com 39%.

Para agravar a situação, esse grupo é o que possui o maior peso, ou seja, o que mais influencia o índice, dada a sua importância nas despesas das famílias. Dividido em dois subgrupos, “alimentação fora do domicílio” e “alimentação no domicílio”, somente o segundo foi responsável por mais de um quarto da inflação total de 2010.

É justamente neste subgrupo que os aumentos de preços são explicados em grande parte pelas sazonalidades da atividade agropecuária ou pelas intempéries climáticas que atingem a produção.

Nesses casos, o mercado é rápido e eficiente para encontrar o seu ponto de equilíbrio, e o aumento da oferta é a consequência natural dos altos preços pagos ao produtor.

Entretanto, o que diferencia as inflações ocasionadas por alimentos nos anos de 2007, 2008 e 2010 das anteriores é a

soma de dois movimentos, que agora se apresentam muito fortes:

1) Expansão bastante consistente da demanda, reflexo do bom momento por que passa a economia dos países emergentes, de forma geral, e do Brasil, em especial. O aumento do poder de compra da população brasileira, com a elevação de 34% da massa salarial nos últimos cinco anos (considerando a média entre janeiro/2010), levou o Brasil a um consumo *per capita* de 37,3 kg/ha b/ano de carne bovina em 2010, muito próximo aos 38,5 kg/hab/ano observados nos EUA para o mesmo período, segundo o Usda.

2) Escassez mais estrutural da oferta, justamente em relação à carne bovina, produto que tão bem responde ao incremento da renda. Foi ela, nesses três anos, um importante destaque em termos de aumento de preços.

Se em 2007 e 2008 a restrição da oferta foi ocasionada preponderantemente pelo forte movimento de abate de fêmeas no Brasil, que durou de 2002 a 2006, reduzin-

do a oferta de bezerras, a partir desse ano, foi a vez de outros importantes produtores mundiais iniciarem o mesmo movimento, como os Estados Unidos, a Austrália e Argentina, com reflexos em 2010.

A consequência foi uma alta de 29,6% no ano apenas para esse produto, que representou, isoladamente, impressionantes 11% do IPCA.

No caso da Argentina, pesam ainda as seguidas medidas de restrição às exportações, a partir de 2006, com fins de controle inflacionário. Em um primeiro momento, atingiram o seu objetivo, ao aumentar a oferta do produto no mercado doméstico, mas tiveram como principal e esperado resultado o desestímulo à produção. O fato, somado à retração do consumo, resultante da crise econômica de 2008, levou o país a diminuir praticamente pela metade (-49%) o volume exportado do produto *in natura* em apenas quatro anos. O país, que em 2005 exportou 437 mil t, em 2008 embarcou 222 mil t, levando-o da 4ª para a 12ª posição no ranking dos principais exportadores mundiais do produto.

O Brasil, mesmo invertendo a curva do abate de matrizes a partir de 2007, não foi capaz de responder ao incremento da demanda.

Caso não haja em 2011 uma aprofundamento da crise econômica na UE, que possa levar a um colapso de grandes mercados consumidores, com consequente esfriamento na demanda e falta de liquidez no mercado internacional, os alimentos tendem a continuar pressionando os índices gerais de preços no ano, embora seja possível inferir que o preço da carne bovina possivelmente já tenha atingido o seu pico.

O aumento dos preços ao consumidor registrado ao fim de 2010 para a carne de frango pode ser um indício da substituição de parte do consumo de uma proteína pela outra.

O que se pode notar de forma geral para o setor de alimentos é que o agronegócio brasileiro tem sido, historicamente, capaz de dar respostas efetivas ao incremento do consumo, através de ganhos sucessivos de produtividade. Tanto que, em uma pers-

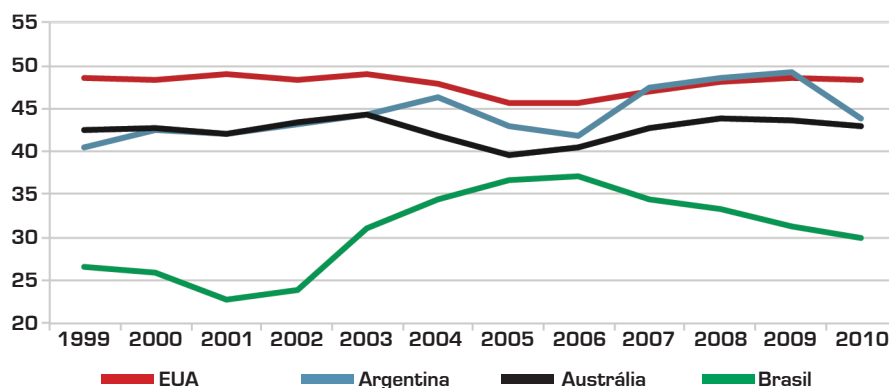
pectiva de longo prazo, observa-se que a variação acumulada dos preços de alimentos e bebidas coloca-se de forma consistente abaixo do IPCA geral. O que existe, em determinados momentos, é um descompasso no sensível equilíbrio produção/consumo, ocasionando pressões inflacionárias.

Para esse setor, mais do que as ações do Banco Central, é preciso aguardar que o mercado dê a sua resposta, como sempre fez, estimulado por um ambiente de forte incentivo aos ganhos de produtividade, com uma política agrícola horizontal que busque benefícios sistêmicos a todos os setores, além de investimentos em pesquisa e tecnologia no campo. Que assim seja. ■

1. Gerente do Departamento do Agronegócio da Fiesp
2. Analistas do Departamento do Agronegócio da Fiesp

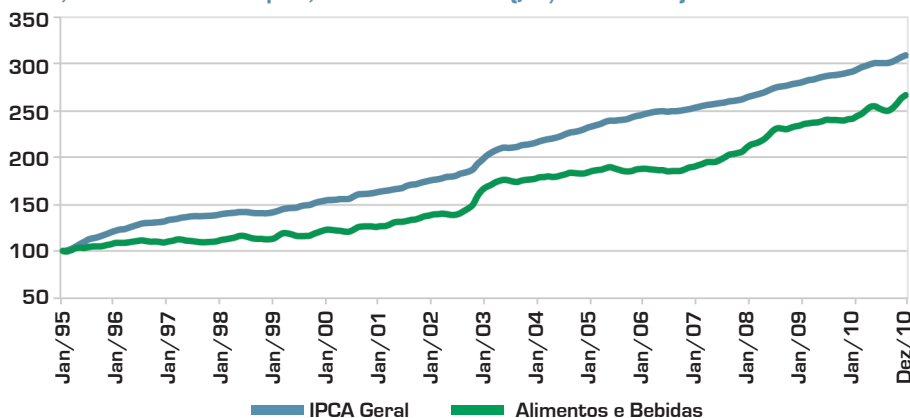


Abate de Bovinos: evolução do abate de matrizes nos países selecionados, de 1999 a 2010 (em % de fêmeas abatidas)



Fontes: Usda, ONCCA, ABS, IBGE / PPM e MB Agro
Elaboração: Fiesp-Deagro

Variação acumulada do preço ao consumidor (jan/95 = 100)



Fonte: IBGE/IPCA
Elaboração: Fiesp-Deagro